

Sinopses de Filosofia Contemporânea

A pergunta de Kant sobre o q' é filosofia. A resposta de Cúrtia de R. Poma. A germinação da obra. O engajamento da obra por Cúrtia. O pens'ço da transp'ção de m'lt. mod. para o plano metafísico. A diversidade de 1770: a interpretação de exp. e de tempo como algo q' deve preceder a exp., como princípios do m. sensível.

A C.R.P. : ~~o conteúdo transcendental da filosofia.~~
O sentido de falar em Cúrtia de razão. Condições de experiência e condições p'ras. O conteúdo transcendental da filosofia, suas explicações obtidas pelo método de uso de de senso. Revol. na l'g'ra (ambigüidade), mas no sentido de e no f'ntes; o conteúdo científico da filosofia: a revol. ~~foi~~ apareceu em filosofia. A fil. precisa condições a priori. ~~Outro elemento sobre a priori~~ O a priori é relativo às condições de sujeito. O a priori da sensibilidade e o a priori de entendimento. O entendimento a priori põe em evidência a condição de sujeito, indep. de experiência, para o entendimento por experiência. Fenômeno e númeno. A indiferença das entidades de tempo de sujeito q' opera o temp. de modo de entendimento para o entendimento próprio.

O Idealismo alemão. Série de pensadores (Kant, Fichte, Schelling e Hegel) tão importantes como Sócrates, Platão e Aristóteles;

A obra de cada um destes filósofos (Kant, Fichte, Schelling e Hegel) é tão volumosa e importante a, para a estudar devidamente, uma vida não era demais. Pode servir de objeto de uma vida inteira, tal como se temia de Aguiar ou Aristóteles. Mesmo estudando apenas uma obra capital já temos matéria para m. anos de reflexão.

Vamos tomar, como tema. O pensamento fil. é orgânico (unidade e pluralidade); cada tema arborizado ao demais. Interessa.

A pergunta é: vamos fazer a estes pensadores e m. o simples e dotaria cheia de implicações: é: que é a filosofia? Esta pergunta é esta unidade desde o primeiro filósofo. Realmente Sócrates, Platão e Aristóteles elevam, apesar a essa pergunta, a primeira pergunta; com ela começa a manifestação do

Ocidente. Resposta é determinar o curso de pensa-
 mento europeu. Melhor traçar a sua direção,
 mas não esquecer que não deve cada filósofo de
 nome pôr a questão da existência da filosofia e de
 a resposta com a sua obra. Cada filósofo é responsá-
 vel pela sua parte de direção e para esse curso da
 filosofia através da sua obra. Os grandes filósofos
 determinavam o curso da história — não da
 história no sentido político — embora haja influências,
 mas da história no sentido do desenvolvimento da humani-
 dade, da realização da humanidade. Cada realização
 sempre a luz de certa interpretação do mundo
 e essa interpretação, foi a metafísica e a deus.

As respostas, relativamente a Kant, à pergunta
 é a filosofia, apesar nos referirmos não à
 obra inteira de Kant, mas aos fundamentos sobre
 os quais, constrói a sua obra filosófica.

Qual a resposta de Kant? Esta confunde-se cu'ica
da razão pura

Antes, porém, vejamos o período de geminação dessa obra, publicada em 1781, tinha então 57 anos.

Trabalhou 12 anos ininterruptos para publicá-la e ela que comparável aos maiores trabalhos de engenho humano. Uma dedicação de J. Thomas, "Um grupo de Berch, um tempo gótico".

Em 1769 num exemplar da metáfora de Baumgarten encontramos a seguinte: "O ano de 1769 deu-me uma grande luz". Aqui vemos o ponto de geminação, semelhante à intenção de 1 ciência solitária e de todos os deuses. No ano de 1771 fala de 1 projeto de obra substituído de limites da semelhança e de razão, perfeito é engloba o é mais tarde se deu um crítico da Razão Pura e th as duas outras críticas. Numera ante a Marcus Herz (1777) escreve: "O é me adem e' apenas o cuidado de dar a dar o é encontrar uma perfeita clareza, pois considero é muitas vezes e-se mal compreendido, mesmo se o assunto e' perfeitamente claro por si mesmo, se se memora de pensar difere dos demais!"

A despeito do cuidado de Kant, os contemporâneos
faziam choradas pela C.R. Pure, pois falava a linguagem
nova e mesmo e' mais difícil de ser entendida a língua
e q' n' era' conhecida p' os seus alunos a outra linguagem.
Em um volume o Postponement zur einer jeden künftigen
Metaphysik, die als Wissenschaft wird angetreten können.
(Postponement a todo a metaf. futuro q' poder' experimentar
como ciência).

Parece um documento escrito de alguns parágrafos por Kant
citando brevemente alguns trabalhos anteriores
1755: Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels
contém a teoria dos quatro Kant-lobes sobre a geografia do mundo.
Por ai vem q' K. começa a vir geral da publ. científica do
seu tempo. Foi-lhe atribuída pelo seu mestre Kantsen, que
conheciam Newton

Com'eres (neo kant.) dentro de alguns ou outros artigos de
C.R.P em 3 domos: 1. Abstrai q' Kantem de problemas
de geometria e geometria (Teoria dos ventos, causas da formação
da terra, fenômenos vulcânicos) de lá em diante em vista
da Teoria natural e Física de lá. 2. Teoria da ciência
matemática (Teoria de introdução a conceitos de geometria
negativas na filosofia 1743). Finalmente os outros seperi-
tantes à razão: De mundi similitudine atque intelligibili forma et principis

ummigen personu da geometria à matemáticas e depois
 à filosofia propriamente dita. Compius logica man us
 de duas partes, pois no 1.º parte deus i. Kant
 est importante como der einzig mögliche Beweisgrund
 zu einer Demonstration des Daseins Gottes. de 1763.

Ainda deus deus deus i. Kant's Untersuchung über
 die Selbstheit der Grundsätze der natürlichen Theologie
 und der Moral. Contém de K. a 1.ª parte da academia
 formulada de seguinte maneira: Les as ciências mate-
 máticas expõem de mesma evidência que as ciências mate-
 máticas? (1761)

Importante para K. vive o método analítico
 para resolver as questões. Deve ser 1.º método q' se aplica
 em exp. mas q' ao mesmo tempo se ultrapassa. Preocupado
 q' estava K. ao método exposto no C.R.P. In deus a respeito
 original de K. Na pergunta da academia a evidência de
 matemática e' dada como modelo; responde-se q' há de ser as
 outras ciências devem alcançar a mesma altura.

Resposta de Kant: e' permitido para a fil. tomar as
 matemáticas como exemplo de método a seguir.

E K. aparente, exemplo: na mat. partiu de
 1 certa defn., p.ex., a def. de 1 triângulo. Esta def.
 contém tudo o q' é o triâng. O triâng. não pode ser
 o q' a def. encerra.

Tomemos agora 1 conceito, p.ex., o conceito de
 desejo, conceito q. pertence à metaf. e à moral. Não-
 o possível de termos se com este conceito temos th. a
 def. da coisa, aquilo q' é na sua existência. K. neg-o
 definitivamente. O conceito do-ua certa caracteres,
 até atributos, mas nunca uma definição. Por isso
 somos estimulados pelo conceito a buscar o q' lhe correspon-
 de. Podemos ser compreendidos pelos outros usando termo-
 mentes conceituais, mas isto não basta para se poder dizer
 q' o conceito nos do' a def. da própria coisa.

Compreensão é K. estrai: não temos o objeto de
 sempre o met. mat. na metaf. Não podemos começar
 a dar 1 conceito no sentido de 1 definição em metafísica,
 para alegarmos do' o q' a coisa realmente é. Responde
 Responde K. q' podem significar: "deveremos procurar
 no objecto, com cuidado, aquilo de que alguma abstrac-
 ção"

certos, mesmo antes de ter uma definição de
 objecto. Podem de' extrair-se consequências, procurando
 sobretudo juízos verdadeiros e completamente certos à luz
 do objecto, sem nos precipitarmos logo numa exploração.
 Esta exploração deve ser resultado de 1 investigação
 unilateralmente condicional e por ela devem ~~convenções~~
 ficar convenidos."

Ho julga-se que devemos dar a entender o \bar{q} e'
 conteúdo de \bar{q} e' apenas possível. Em um algum
 n deveu misturar em elementos.

Pouco demonstra o perigo de transpor o método mate-
 mático, mesmo sob o plano físico Kant apresenta
 o exemplo concreto do conceito de força de atracção.

Segundo m. tempo negava a possibilidade de tal força,
 porque se sustentava \bar{q} w havia possibilidade alguma
 de atracção entre os corpos materiais, relesse se os corpos se
 moviam. Com a teoria da atracção sustentava prei-
 sumamente uma influxão a distância, negava-se pura e
 simplesmente.

Este trabalho de K. não apresenta 1 demonstração de racional

de Kant, mas põe em evidência a sua maneira de proceder: reparação dos métodos matemáticos dos metafísicos, pontos-luz de referência contra uma mistura dos dois métodos.

Em 1766 aparece outro trabalho; agora assinado com o título *Träume eines Geisteseeher erläutert durch Träume der Metaphysik*, donde esta' aqui no sentido de Pontanowski, de alucinações. Trata-se de 1 ra'iza a Swedenborg e evidentemente estar em contacto com os espíritos e deles obter conhecimentos extraordinários. Estabelece um paralelo com uma carta meteméica, que partindo de uma mo' experiência poderia ter conhecimentos certos que na realidade não possuem de pontanowskianas.

- Obra de Ursprung p.^a a filosofia crítica: "De mundi sensibili et intelligibili forma et principiis", que resulta de 1 primeira reflexão reflexiva da problemática de Leibniz e de Locke sobre a origem dos ideais (Intuition intellektu...)

Nesta obra de 1770 fala Kant de lei q' são inerentes aos espíritos, e q' devem estar em evidência (lezes menti' insitae). Estas lei s' a normatizantes

no instante em q̄ o espírito compreende q̄. assim em
e' submetido a 1 experiência.

Para alcançar estas leis não se vai volver toda
a experiência de lado, mas fixar a nossa atenção
no facto que ha' elementos que são mencionis para
a experiência sem provir dela.

E' neste orientatis de K. de' uma nova interpre-
tação do espaço e do tempo ja' orientados no sentido
dos C.R.P. Espaço e tempo são interpretados
como algo que necessariamente deve preceder a nossa
experiência. Considera-os como conceitos únicos, não
há' 1 espaço e 1 tempo. Tem-se estes conceitos
únicos o que forma possível a intuição, a experiência
intuitiva; não como a forma geral da experiência.
Espaço e tempo: princípios do m. sensível. E' aqui
o princípio do mundo inteligível? Kant não consegue
definir-lo. O que nos diz e' q̄ temos conceitos da entendi-
mento q̄ se remetem da experiência dos sentidos; têm
a sua fonte no entendimento: não criam o obj. q̄ se consi-
deram, nem os põem no mundo pelo objecto. Por outras

palavras: por cima e certo saber (conhecimento) e
 se é o resultado da implicação das coisas sobre
 nós, nem o resultado da nossa acção sobre as
 coisas. Os conceitos intelectuais: se têm como fonte
 o contacto com as coisas. Mas como por outro lado
 têm a implicação sobre as coisas, nem as coisas, se n
 ão claramente qual a sua função.

Podemos agora, depois da eliminação de J. fundamentar
 de pontos primitivos, à Crítica de R. Pines.

Queremos saber como K. compreende a filosofia,
 e n. p. tem para ele a filosofia, qual é a sua
 tarefa, quais os seus limites.

Para Kant: a fil. deveria ser filosofia transcen-
 dente e não se é filosofia. Que n. p.
 fil. transcendente. O nome é obscuro e mesmo
 ambíguo. Por se o contacto com a fil. se
 um tempo Leibniz - Locke?

Vejamos algumas razões do tipo 'isto é 1:
colu da C. R. P.

"A razão humana tem um domínio limitado
no que se refere a um certo género dos seus conheci-
mentos. É insusceptível por perguntas e não pode
deixar de pôr, pois lhe são importantes pela
natureza das próprias razões, mas não pode
dar resposta a essas indagações, porque ultrapassa-
ram o poder da razão humana."

Esta frase põe uma pergunta e não se pode dizer
de novo por razões da razão humana. A razão
humana é insusceptível por perguntas e não pode responder
pois ela é a finalidade do próprio entendimento, mas
não lhe pode dar resposta porque transcende o próprio
poder.

Desde os tempos antigos a razão é considerada finalidade
essencial e superior do homem. Ora se lhe perguntar
se o homem não pode responder pela razão, não deveria
a natureza racional do homem ser posta em dúvida?

Com esta intenção encontramos já no
clássico e com certeza a C. R. P. É a própria razão

que se desenvolvem em objecto de indagação
 Esta demonstração é a razão humana e' uma razão
 finita. A razão mais perfeita é a, impõe nos
 nós a de estabelecer a limitação de uma razão, de
 fixar até onde ela pode ir. Fixar quanto a
 quanto a é e' poder dar resposta e agudosa a é
 os poder, onde o seu poder acaba.

Reverente fixar os limites e' o significado
 do termo critica (κριτική). Hoje critica significa
 de preferência pô em existência os pontos fracos,
 os pontos negativos, mas isto é um desvio do
 sentido original: é e' o de delimitar, de ver
 até onde vai um domínio e começar outro.

Como encara Kant a situação? Encara ele
 os profanos é através analizando: "a razão
 em si mesma irracional (Verlegenheit) i.e., a ausência
 de seu interesse, a que se refere das respostas, sem
 uma culpa. A razão começa com a primeira
 vez mas é inventável no domínio da experiência

~~O pensamento~~ Este domínio é propriamente natural
 a razão deve fazer uso de certos princípios para
 a experiência justificá-la - ou e por outro lado não
 permitir para tornar possível a experiência.

A razão, porém, não se limita a esses princípios:
 ultrapassá-los e dar-lhe modo a partir - u de
 experiência. Assim começa o perigo. A razão
 expõe - u ao perigo de se perder. Supõe - e' isto
 possível? Supõe - dy. K. a razão sente a falta
 a debilidade. É a debilidade u u aliás, carencia
 de experiência. A razão neste caso de debilidade
 ultrapassa a experiência e ao mesmo tempo
 se quer dar a impressão de a ter ultrapassado.
 Enquanto a razão comum (ou seja o *geründer*
Menschenverstand) se não detém entre princípios
 se encontra a sua justificação na experiência da
 qual se não podem nem mesmo fundamentar nela.
 O que acontece então
~~Qual é a razão?~~ "Porém como de ultrapassar
 a experiência a razão propriamente não é possível e

nas contradições. Isto de' a entender q' há
 erros essenciais. Mas a razão só pode derivar
 estes erros, pois os princípios de q' se serve
 simultaneamente a experiência e já' se encontram a
 experiência como limites" (A VIII).

Questão de fato: na medida em q' a razão se afasta da
 experiência, a experiência não pode evitá-la. Enquanto
 a razão foge após os princípios subordinados à experiência
 a experiência é juiz. Mas se se eleva acima da
 experiência, como sabemos q' quando os princípios utili-
 zados são válidos para a experiência? É precisamente
 no simultâneo da experiência que repousa o fundamento
 da razão e reside a prova de q' juiz (a experiência)
 q' lhe pode apontar os limites. Daí, como resultado,
 toda a razão de Deus e anti-Deus q' em nome da
 razão são sustentados pela metafísica. "O lugar de
 combate deves lutar sem fim e' a metafísica" (A VII)
 Kant não entende, contudo, distinguir a metafísica.

Julga mesmo (contra a M. Herz) q' o destino da humanidade
 depende do desenvolvimento da metafísica.

4 metaf. fora a ramificação das ciências e na época
 de Kant distinguia-se entre metaphysica generalis
 th. da metaf. ontologia, rather do que metaphysica specialis
psychologia rationalis e cosmologia rationalis.

No discurso de Kant K. 3 períodos numa explicação do
 termo mist. da ont. da metaf.: períodos dogmáticos,
 períodos críticos e o período q' ele vai inaugurar: o período
 crítico.

Que signif. metaf. dogmática? O conceito dogmático é
 representado por K. por uma imagem: a do algebraista.
 O q' tinha em conta a dir. de um povo pode sim-
 plemente decretar o q' considera justo ou injusto igu-
 mento sobre metáforas não as duas vezes como, dogma,
 q' se pode ser posto em causa, mas metáforas não críticas.
 Outra fil. tenta também outras coisas que se opõem às
 duas da imagem, por deitar das pessoas, levando dogmático
 para a nível da aritmética (K). Esta guerra cometeu a
 seguinte: período crítico. Nestes períodos a filosofia consi-
 derou uma tarefa superior de fazer da verdade.
 Paragem do capitalismo do período crítico (o individualismo).
 Mas o se pode distinguir a metaf.; deitou-se um, período 19-19.

Neste período indiferente começa - u a impletiva, a pergunta
 porque é as diferentes tentativas metódicas fracassadas
 e sempre a fim, até a 1.ª tentativa a utilidade da
 própria razão. Utopia o tempo, lição no C.R.P. (A XII):

"de assumir a maior parcela tarefa da razão; a da
 autoconsciência, de intervir, tribunal que possa governar
 as suas exigências justificadas e eliminar todas
 as pretensões sem fundamento. Este ligando, no plano
 realismo à fé, mas reger as leis eternas e imutáveis
 da razão. Este tribunal se não fundar por outra pessoa
 além da C.R.P."

O tempo exige uma mudança, não é o ponto anterior à-13
 está, mas a elevação, vai libertar a metaf. das questões
 imbecis.

que regem. até a 1.ª tent? não é uma crítica de lição
 e das diferentes tentativas, mas do poder da razão (Wormuth
 veruns'gen).

Metódica, por mais vezes, tem um sentido bem conhecido
 é o saber que ultrapassa o conhecimento físico. De
 até último se identifica com a experiência, com o conhecimento
 que não é acessível com a experiência, a metaf. é o
 conhecimento que ultrapassa a experiência, mas esse conhe-

mentos formais? Corp. essencial do C.R.P.

Podem-nos afirmar q' a natureza da razão e' tão
 ampla que nem' formal encontram os seus limites
 e fixa'-los. Kant possui afirma q' um trabalho parecido
 p' ser feito no âmbito da lógica. A lógica põe em evidên-
 cia as formas formais do juízo e do ~~raciocínio~~ raciocínio,
 obtendo assim uma visão global, sistematizada, das ativi-
 dades da razão.

Qual deve ser o método a utilizar? Temos de apontar
 tudo o que ponha, mere opiniões. Ora opiniões são em
 grupo doxa, q' se opõem a episteme, E', saber
 q' não conhece os causas, os princípios, os arxotai.
 E' o saber q' pode ser útil, mas apenas nos q'
 q' alguma coisa acontece em certas circunstâncias, sem
 poder dizer porque. E' incerto. Dele decorre o critério
 de verdade: saber e' a verdade.

O saber empírico e' o q' se pode designar por uma
 opinião (doxa). E' o que chamamos experiência. Experiência,
 porém, para Kant comporta dois aspectos: experiência como
 imitação, como algo de contínuo. Por outro ponto a experiên-

cia sendo o papel de juiz da razão.

Ao lado dos conhecimentos de experiência temos um outro conhecimento, independente dela, o conhecimento a priori.

Como é o Kant, retornando à metáfora do seu tempo não repetir a experiência, pode fixar como finalidade da metáf. o conhecimento a priori?

" que podem conhecer e entendimentos e a razão e quanto conhecimentos podem obter, independentemente da experiência? O conhec. metáf. da experiência é o conhecimento puro."

Para fazer ver a concepção kantiana de filosofia, temos ainda de explicar a expressão que é central no prefácio à 2ª ed. da C.R.P. (1787): Revolution der Denkmacht — revolução nas maneiras de pensar. Pois a metáf. encontra o caminho certo no qual pode prosseguir sem hesitações e ao mesmo tempo encontra um consenso dos espíritos que se ocupam de filosofia deve operar uma revolução nas maneiras de pensar. Até

Kant afirma também, desses nomes, se há ou não em si-
 mesmo. E Kant vai mostrar q' em outros, ja' se há ou não
 realmente dentro dos mesmos. Logo esta' q' K. pode
 vai derivar sua própria, dentro dos mesmos, a saber nos
 ciências, porque a há ou não ja' derivando se há ou não.
 E' q' mesmo. Entretanto se Kant, do modo de pensar em si
 e' uma coisa p' derivar e q' de outros se pensa
 em outros ciências.

Kant dá 3 exemplos, nos ciências, de nomes, do
 modo de pensar: nos lógica, nos matemáticos e nos
filosofia. Não é arbitraria esta nomenclatura. E' fácil
 como nos lógica podemos achar uma terminologia certa, por
 a lógica, tal como K. a compreende, e' 1 ciência q' se
 ocupa da forma do nome saber. Esta forma depende
 do sujeito. Basta fixar sua forma, como o fez Aristóteles
 e não temos mais problemas relativos à estrutura da
 lógica. Como a lógica compreende um saber puramente
 formal, o q' se deriva são as formas do nome juízo e

racionalistas. Por uns duns Arist. a l'op'la n'era jez profun-
nem retrocedos. Uma veg' enon lei esmothodos, a ci'encia
f'ion contribuida.

Quel a situac'õ, nos ci'encias matematicas? Quel
foi a motõ, de modo de serm'õ que os contribuiu? N'õ
interna n'õvem quem foi o 1º matematico; o 2º interesse
e' comprehendes como o seu pensamento se contribuiu.

Por K o termo de matematica f'ozem tanto a al'gebra
como a geometria. Vejamos como expl'õem ~~o~~ desenvolvemento
da geometria; ha' diferentes possibilidades de o fazer. 1º
partir de 1 figura elementar e comecar a analisar a

partença d'essa figura: 1 triângulo, 1 rectângulo, 1 círculo etc.
e descompor depois quasi n'õ momentos contributivos a Kant

ha' admittido esta possibilidade, poi d'esse modo n'õvem
a descompor a caracterizac'õs attributivas certos; a geometria

de via ci'encia a priori, mas ~~pois~~ assim dizer derivativa
que, depois de 1 certa experiencia, a caracterizac'õs gerais

de possibilidades: tomam como p. de partida a n'õvem de
triângulo, rectângulo, etc. Logo formam os conceitos das

formas geometricas e de outros, a partir d'estes conceitos,
quasi tao as possibilidades essenciais d'essas figuras. Tambem

esta 2ª possibilidade não satisfaz Kant. Há para ele ainda a terceira possibilidade. Para chegarmos a 1. construímos a próxima e necessário pôr em evidência que sentido atribuímos às figuras como triângulo, retângulo, círculo, etc. Quando começamos a triâng. atribuímos a esta figura certas determinações. É essencial não conceder à ^{figura} ~~geometria~~ outra coisa do que aquilo q' as introduzimos as condições e comete a figura.

1. O essencial da geometria não pode ser a fig. derivada, a figura derivada
2. Th. não podemos tentar deduzir uma cadeia de parábolas, logo experimentalmente, o q' seja o triângulo
3. Há ainda a possibilidade: investigar o que permite ^{construir} a figura geométrica. Não nos contentamos com a fig. derivada, mas o q' nos permite a sua construção. Temos de descobrir o q' nos permite construir um triângulo, um círculo, etc. As fig. mat. são assim construídas do nosso espírito. A pergunta q' se põe está: o q' torna possível a construção destas figuras? Temos de crer o q' nos permite construir um círculo, etc. aquilo q' nos as estamos. Há como que

um projecto que realizamos ao compreender e ao construir uma figura geométrica.

Quando construímos a letra, essa construção é possível porque temos o projecto prévio. Mas esse projecto não é visual, o q^o é visual é a letra construída segundo ele. O q^o me interessa é a letra. Mas se quisermos saber qual é a actividade que está por trás, é o projecto inicial, o plano concebido previamente. O q^o interessa p. K. é esta concepção de plano que tornou possível a letra. Transportando esta concepção para as matemáticas, os verdadeiros matemáticos sabem q^o o essencial não é a figura visual, nem tão pouco o conceito geral, mas o que tornou possível a concepção da figura.

Não é esta ^{transporte} ~~maneira~~ de coisa desenvolvida (a figura) para o acto q^o tornou possível a compreensão da coisa segundo as aplicações concretas.

Este trazer o ^{visível} objecto da coisa construída p. K. construção é o que K. chama *veritas* no pensamento — aqui no pensamento matemático.

Como se realiza esta revolução na Física?

23

Pouco a contarsemto esta maneira de pensar na física.
Em lógica compreendi-la: é a saber formal; nas matemáticas
idem; agora pouco dimensional; a física enfoca-a
por dentro a natureza. Tem esta sobre o conteúdo

Vamos ver como esta alteração se propõe na física.
Tem lugar m. mais tarde do q. na lógica e nas matemáti-
cas. K. indica os nomes de Bacon e especialmente
Newton. Anos se refer à física, K. tem em mente
a física newtoniana. A obra fundamental sobre
física é Philosophiæ naturalis principia mathematica.

Para entender a natureza de pensamento arquetípica
da física de Newton, consideremos o 1º princípio da
obra, o chamado princípio do movimento: "Todo corpo
persevera no estado de repouso ou no movimento uniforme
retilíneo a não estiver em repouso, a não ser que seja
forçado por forças "impressas" a mudar o seu estado".

Aqui está lei tomou-a como evidência em física; não
podemos ignorar a obra em que esteve acentuado. Galileu
foi a física implícita, mas sem a formulação evidente. Galileu
deu-nos a fórmula geral. Descartes empregou-a nos Principia Phi-

propriedade e dentro fundar-la. definir den-
ta um
aluno de lei metapsícora.

Vamos analisá-la brevemente:

1. Todo o corpo. Encontra-se aqui já uma decisão
fundamental. Não se trata de um ou de outro corpo de
uma região natural. É todo. Já há há distinção, entã
os corpos como entã o grupo e há audição que distin-
ção entã corpos celestes e terrestres. 2. Entre os movimentos
já não há hierarquia como entã os outros que dessem
ao corpo movimento circular piramide para combaterem
privilegiado o mov. dos astros. 3. Também há há lugar
distintivo. O lugar há é o sítio de onde se entã ou
dequela coisa. É apenas 1 posição relativamente a outras
diversas.

Os grupos tinham de pôr o problema de saber a causa
que mantém o movimento em ação. Agora pôs-se
um movimento rectilíneo contínuo e perpendicularmente
aos movimentos da dimensão.

Já não se pode dizer que a luz realiza um mov.
circ. em torno da terra, mas encontra a causa de um
movimento, talvez porque é a luz em vez de avançar

de um movimento rectilíneo, avança gradualmente. P.^a Isaac Newton e' obrigado a introduzir uma força de atracção.

A intervenção de 1 força deve explicar o desvio do mov. rectilíneo. Poderá dirhe-u attribuido a cada corpo, segundo a sua natureza, um movimento específico.

Vejamos agora: onde encontramos um corpo como que animado de 1 perpétuo mov. (rectilíneo) em repouso (o repouso e' considerado o limite do mov.)? E' difícil dizê-lo. Aponte-u alguma experiência com semelhantes corpos. Também não e' possível e no entanto a física avulsa caracteriza-u pela experiência. Nunca vemos um corpo mover-u indep.^{te} em linha recta. Então este principio de q' estamos falando e' uma invenção do nosso espirito e não um facto encontrado na natureza.

Buñho exemplo e' mo dem Discorsi intorno a una nuova scienza (1638) Galileu fala de 1 corpo lançado numa superfície plana, excluindo todo o obstáculo e afirma

é o mov. dum corpo seria infinito e a superfície
 se estendem até ao infinito. Onde encontramos seme-
 lhante superfície? Em parte alguma. Galileu di-lo
 claramente: *mobile... mente concipio omni recluso*
impedimento. Conheço no espírito alguma coisa em
 movimento, não a vejo na experiência. Esta concepção
 é por si própria projecto do novo espírito. E este projecto é funda-
 mental para a minha concepção da natureza e para
 os meios de levar a cabo esta investigação.

certo é que a ciência moderna exige experiências. Mas
 a grande transformação da ciência não foi dada pela
 experiência. Para poder fazer experiências antes já
 ter uma certa concepção da natureza, do movimento
 e das leis. Eu vou poder citar Heidegger: "a tendência
 para o facto, graças à experimentação, é uma
 consequência do projecto prévio da natureza, do projecto
 ontológico".

Esta diferença não se dá não compreensível a um
 conhecimento relativo à natureza, no pensamento das inves-
 tigadores científicos. Porém, que consiste no facto de

a natureza não se simplesmente dada; para
 compreendermos a nat. devemos previamente realizar
 um certo projeto e graças a ele a natureza se dá
 a nós. Citaç de pomp mag. de K.: "os cientistas
 tiveram de se iluminar. Compreendevamo q̃
 a razão pode captar somente o que ela produz com
 seu próprio projeto ~~os seus próprios~~ ~~que a razão deve produzir~~ ~~com~~
 os seus próprios e ofensas a natureza a responder a
 estas perguntas e os se deixam conduzir por ela como
 um vento e' levado pelo domador". O cientista
 não deve ser como alguns que dizem q̃ o universo
 surgiu, mas como um juiz q̃ força os verdaderos
 a responder às questões q̃ lhe põe.

O projeto próprio num domínio de parent: a arte
 trata a mesma paisagem cada pichar fora' i questões
 diferentes, porém a natureza se e' o essencial; e' apenas
 um pretexto para realizar a sua forma própria de ver.

Wittgenstein à K.R.P. Kant em f. tropic quer realizar
 ex. vive de um' tipo de q̃ fez a ciência moderna em face
 das ambigüidades. Dejei de ser, entretanto cientista à fil
 q̃ para igualar ~~os~~ est. das ciências modernas. Este